

ASPECTOS DA SINTAXE DO ADJECTIVO EM PORTUGUÊS *

1. Não demoraremos na caracterização do adjectivo como classe formal de palavras do português. Isso obrigar-nos-ia a uma alargada análise de aspectos de forma e de significação gramatical (inerente e funcional) que especificamente se cumulam em tal categoria de vocábulos e solicitaria um cotejo atento do adjectivo com as classes formais do substantivo, verbo e advérbio de modo, por que se distribuem as palavras portadoras de conteúdo lexemático. Particularmente revelador para a definição clara do adjectivo seria o confronto que, percorrendo aquele duplo plano da forma e da significação gramatical, focasse de perto as relações substantivo-adjectivo e adjectivo-advérbio de modo.

Sendo assim, diremos somente que tomamos como adjectivo a classe dos lexemas que representam a apreensão linguística de um segmento da realidade como uma propriedade ou qualidade que se reconhece nos objectos denotados pelos substantivos ou que a eles é atribuída.

Nesta breve apresentação, sublinharíamos dois aspectos. Por um lado, a referência ao adjectivo como lexema permite, por si só, delimitar a extensão da classe de instrumentos verbais a que aludimos, pois ficam dela excluídos os diversos vocábulos que realizam determinações variadas (de localização, de quantificação, de posse...) que, por ocorrerem na frase como adjuntos do substantivo, são não raro ainda apresentados como adjectivos (*determinativos*): pensamos, natu-

* Este estudo data de 1977, e foi apresentado ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica (Rio de Janeiro, 1977), de que não foram publicadas actas. Apesar de estarem volvidos cerca de uma dúzia de anos e de contarmos hoje com um estudo fundamental sobre o adjectivo em português (CASTELEIRO, J. Malaca — *Sintaxe transformacional do adjectivo*, Lisboa, INIC, 1981, creio que o trabalho não perdeu a sua actualidade e pertinência.

ralmente, no demonstrativo, no possessivo, no numeral... Por outro lado, a noção de propriedade ou de qualidade que introduzimos deverá ser considerada num sentido muito amplo, que permitirá tomar como tal conteúdos significativos decorrentes de nexos de natureza variada entre objectos, nexos que são representados linguisticamente por lexemas que condensam relações complexas entre (realidades capturadas por) substantivos (publicação *mensal*), substantivo e advérbio (cultura *hodierna*) ou mesmo substantivo e verbo (forno *crematório*).

As peculiaridades semânticas que acabámos de apontar cumulam-se com certas outras de ordem mórfica e sintáctica que permitem configurar um subtipo de adjectivos que se costumam chamar *de relação*, que, desta maneira, se demarcam, com maior ou menor coerência, dos adjectivos que também habitualmente se designam de *qualificativos*.

Não procederemos, aqui, ao levantamento dos traços definidores do *adjectivo de relação*; por isso, deve entender-se que, em tudo o que segue, fazemos referência exclusiva ao *adjectivo qualificativo*.

2. Estreitamente relacionado com o substantivo por representar propriedades dos objectos que estes denotam, o adjectivo revelará essa íntima conexão, qualquer que seja o esquema combinatório que realize a sua introdução no enunciado. Constituem marcas mínimas dessa particular ligação a compatibilidade de traços sémicos e a relação formal sintagmática objectivada na chamada concordância em género e número do adjectivo com o substantivo. A adopção por parte do adjectivo do género e número do substantivo traduz claramente o carácter relacional, e não categorial, que nele revestem tais significações. Em certo esquema combinatório que adiante caracterizaremos como *atribuição*, a explicitação desta relação íntima, de natureza sintáctico-semântica, prolonga-se pela instituição de uma unidade rítmica que suporta, no plano fónico, a unidade que conhecemos sob a designação de sintagma nominal.

3. É habitual dizer-se que são duas as vias por que se realiza a actualização do adjectivo no enunciado: *atribuição* e *predicação*.

Tentemos levantar as marcas definidoras destas duas vias e avaliar da possibilidade de com elas termos configurado o quadro em que se inscreva com naturalidade o matizado comportamento sintáctico do adjectivo em português.

4. Na *atribuição*, substantivo e adjectivo constroem-se em justaposição imediata, mas também em justaposição não imediata. O adjectivo actualizado em atribuição recebe também a designação de *epíteto*.

Traço definidor fundamental da atribuição é a ausência de nexos verbal na instituição da relação significativa entre adjectivo e substantivo.

4.1. Num primeiro esquema combinatório, o epíteto segue ou precede imediatamente o substantivo. Trata-se, pois, de justaposição imediata: nenhum elemento linguístico (incluindo zero fónico — marcado por vírgula no texto escrito) se intercala entre ambos. Não atenta, porém, contra essa justaposição imediata a determinação quantitativa do adjectivo, envolvida ou não em construção comparativa ou superlativa.

4.1.1. O epíteto é claramente, neste esquema, um *adnominal* que perfaz com o substantivo uma unidade coesa no plano sintáctico-semântico, que se prolonga por uma unidade rítmica.

Esta unidade não envolve, porém, interdependência sintagmática. Queremos dizer que o epíteto (salvo casos que valerá a pena estudar, o que aqui não poderemos fazer) não é indispensável à boa formação da frase, que não seria afectada na sua estrutura pelo seu apagamento. Tal circunstância confere ao adjectivo projectado nesta construção um estatuto inequivocamente secundário, no que estritamente respeita, note-se, à estruturação sintagmática da frase.

No grupo nominal resultante da atribuição em justaposição imediata, o papel nuclear pertence ao substantivo, que arrasta consigo o epíteto como elemento marginal, que deste modo se distribui por qualquer das funções que o nome de que é adjunto preencha na frase.

Como consequência do traço fundamental que é a não intervenção de nexos verbal na atribuição, a relação significativa substantivo-epíteto está fora do alcance das determinações específicas de modo, tempo e aspecto veiculadas pelo verbo.

4.1.2. Actualizado como epíteto em justaposição imediata ao substantivo, o adjectivo assume com propriedade a função semântica de *restrição* ou de *explicação*.

As qualidades representadas pelo adjectivo num enunciado podem constituir notas que alarguem a compreensão do conceito denotado pelo nome ou podem não ter essa incidência, realizando apenas a explicitação de traços de alguma forma já presentes, porque ou veiculados na própria nomeação do objecto ou introduzidos no acto linguístico pelos contextos — verbal e não verbal. No primeiro caso, o adjectivo assume a função de restrição, pois delimita a extensão do nome, enquanto que, no segundo, em qualquer das modalidades daquela explicitação, o adjectivo funcionará como não restritivo, ou seja, como explicativo.

A função restritiva surge como a função semântica fundamental do adjectivo, que está orientado para a especificação de traços delimitadores do conceito denotado pelo substantivo. A própria organização sémica do conteúdo significativo do adjectivo, onde joga poderosamente o princípio da *polaridade*, torna-o particularmente apto ao desempenho desta função de cariz mercadamente intelectual.

Claramente redundante no plano informativo, a presença do epíteto explicativo não será, porém, irrelevante noutros planos.

Avulta, em primeiro lugar, a pertinência no plano expressivo. A intensidade desta pertinência mede-se naturalmente pela extensão e qualidade dos efeitos obtidos. Estes decorrem, desde logo, da presença do que é prescindível do ponto de vista intelectual e serão tanto mais marcados quanto mais rico for o conteúdo sémico do adjectivo. A expressividade assim obtida pode ser reforçada ou ampliada por aspectos de natureza sintáctica que acompanham a presença do epíteto (por exemplo, a sua anteposição ao substantivo) e ainda pelas repercussões que de tal presença (e de tal colocação) advenham para o esquema rítmico da frase.

Por outro lado, a presença do epíteto não restritivo pode instituí-lo em elemento coadjuvante da *coesão textual*, realizando uma função integradora de significados que vão ficando explícita ou implicitamente disseminados pelo texto.

Nestas circunstâncias, o epíteto explicativo participa de forma específica do fenómeno anafórico. Esta função integradora cumula-se com a pertinência expressiva.

Avancemos que, nestes casos, o epíteto manifesta clara preferência pela anteposição ao substantivo e que a integração anafórica se pode distribuir cumulativamente por catagoremos anafóricos. A mostração integradora parece-nos particularmente visível em casos

de *anáfora por associação*, como a realizada nas duas últimas frases do conjunto que segue:

- Nuvens *pesadas* acumulam-se nos ares... As/estas/essas (*pesadas*) nuvens...
- As gaivotas *agitavam-se*, nesse dia, em torno dos barcos; as *irrequietas* aves...
- A moça não esquecera a *traição*; o *infiel* amante nem isso compreendia...

4.1.3. Ficou já referido em 4.1. que o epíteto pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo. Esta dupla possibilidade combinatória constitui uma zona particular do problema da ordem dos elementos linguísticos na frase, e, em tese, não pode ser irrelevante no plano significativo ¹.

O esclarecimento desta combinatória tem que assentar no levantamento das incidências significativas decorrentes da mobilidade.

Tomando como ponto de referência a posposição, podemos falar de dois grandes tipos de incidências realizadas na anteposição: um respeita ao valor informativo do adjectivo, outro a valores expressivos.

Consideramos como incidências no valor informativo do epíteto as que se distribuem por duas grandes áreas de fenómenos: a instituição de *homonímia* (que apresenta modalidades ou gradações) e a aquisição por parte do epíteto de determinados efeitos de sentido que regularmente, isto é, de maneira minimamente coerente, se agregam à sua anteposição ou posposição ao substantivo. Em qualquer dos casos, o valor informativo do adjectivo é afectado. Observemos que, se assim é, ficam de fora desta base de explicação todos os casos em que a colocação seja presidida por factores de natureza sintáctica que trunquem aquela mobilidade ou a restrinjam fortemente, não dando ocasião a escolha por parte do falante.

Quanto às incidências que se referem aos valores expressivos, reteremos que elas se dirigem a aspectos rítmicos, à busca de novidade, à realização de simetrias, dissimetrias... na distribuição dos elementos na frase. Anotemos que estas incidências se cumulam com as primeiras — apenas surgindo isoladas nos casos de manifesta

¹ Ver, do Autor, *Elementos para o estudo da colocação do epíteto em português*, Coimbra, 1970.

indiferença denotiva ou conotativa revelada pelo epíteto numa ou noutra posição.

4.1.3.1. No domínio do que acima chamámos instituição de homonímia, cabem todos os casos dos adjectivos de que correntemente se diz «mudarem de sentido» em função da colocação:

- um amigo velho/um velho amigo;
- um espectáculo triste/um triste espectáculo;
- um homem pobre/um pobre homem.

Cabem aqui também os casos dos adjectivos que, em anteposição, se aproximam de, ou mesmo confluem com, a expressão de determinações veiculadas pelos determinativos:

- um relógio certo/um certo relógio;
- um exemplar único/um único exemplar;
- uma casa nova/uma nova casa;
- mostrou grande coragem.

Incluimos ainda na instituição de homonímia os fenómenos de mais conseguida integração do participio passado e do adjectivo de relação no funcionamento sintáctico do adjectivo (qualificativo). A possibilidade de anteposição ao substantivo constitui critério forte dessa integração — e a entidade que acede a esse funcionamento institui-se em qualificativo homónimo perfeito do participio e do adjectivo de relação:

- uma *acaciana* gravidade;
- «...e dia a dia ia somando as cifras, com *germânico* método e *bávara* candura» (Paço d'Arcos, *Memórias de uma nota de Banco*. Lisboa, 1962, p. 20);
- uma *agitada* reunião.

4.1.3.2. Não nos ocuparemos aqui do levantamento dos efeitos de sentido que, com mínima regularidade e coerência, se agregam à anteposição/posposição do epíteto. Sublinharemos entretanto que a incidência no valor denotivo do adjectivo provinda da anteposição se orienta para a redução, em graus diversos, do valor informativo, da função distintiva, intelectual, do epíteto. Esta afectação do conteúdo significativo do adjectivo congrega-se com a aquisição de

conotações variadas, o que permite articular à anteposição a realização de valores afectivos, apreciativos; de modo idêntico, pode o adjectivo prestar-se, então, à aquisição de «sentido figurado».

Não deixaremos de observar que, na realização destas possibilidades, jogam um papel importante não só os contextos mas particularmente o próprio conteúdo denotativo do adjectivo, e ainda o mesmo conteúdo do substantivo. Comparem-se:

- um homem sério/* um sério homem;
- uma consequência séria/uma séria consequência;
- uma casa alta/* uma alta casa;
- uma montanha alta/uma alta montanha;
- * uma consideração alta/uma alta consideração.

4.1.3.3. Podemos levantar uma articulação estreita entre este comportamento sintáctico do epíteto e as suas funções semânticas. Condensaríamos essa articulação na seguinte formulação: só em posposição o epíteto pode funcionar como restritivo, da mesma forma que o epíteto anteposto é sempre explicativo. (Obviamente, os dois primeiros casos tratados em 4.1.3.1. estão fora do alcance do que se acabou de propor).

Observemos que nesta formulação não se diz que o epíteto posposto é sempre restritivo. Podemos ser mais claros: a oposição restrição/explicação é neutralizada na anteposição (onde só ocorre explicação), enquanto se mantém plenamente na posposição. Sublinhemos que, se assim é, o problema da anteposição/posposição só dirá respeito ao epíteto explicativo.

4.2. Admitimos em 4.1. que a *atribuição* se realiza também num esquema combinatório em que substantivo e adjectivo não se encontram em contiguidade imediata.

Isso mesmo fica evidenciado em frases do tipo

- a acusação precisa de algo de concreto;
- a juventude procura alguma coisa de diferente;
- qualquer coisa de estranho se passou, então;
- nada de novo acontece neste país;

nas quais temos presente uma articulação substantivo-adjectivo que participa dos traços fundamentais enunciados para a atribuição. Verificamos, porém, que a justaposição é mediatizada pela prepo-

sição *de* e que há uma forte selecção da base nominal. Esta é constituída regularmente ou pela pró-forma *coisa*, precedida do determinador *alguma, qualquer*, ou pelo seu equivalente *algo* ou *nada*. Por outro lado, fica bloqueada a concordância em género, pois o adjectivo ocorre regularmente no masculino.

A presença do categorema *de* a reger o adjectivo retira-lhe a possibilidade de anteposição àquela base nominal específica. Além disso, surge neutralizada a oposição restrição/explicação: o adjectivo aparece sempre em função restritiva, que é de resto reforçada pelo valor especificativo que veicula aqui a preposição.

Mais adiante (ver 8.), teremos a oportunidade de recortar uma segunda modalidade de atribuição em justaposição não imediata.

5. Encaremos agora a *predicação*. Marca-a fundamentalmente a presença de nexos verbal, que intervém no estabelecimento da relação significativa substantivo-adjectivo.

Avulta, desde logo, que o intermediário verbal faz participar a predicação das significações modal, temporal e aspectual por ele veiculadas. Por outro lado, e também imediatamente, o adjectivo surge como termo integrante do predicado que se enuncia do sujeito da frase. Por este facto, o adjectivo é na predicação guindado a um estatuto de particular saliência e relevância, por se constituir em termo integrante de um segmento imprescindível para a boa formação dessa unidade linguística básica.

Em conexão com o que se acaba de apontar, não tem aqui pertinência a oposição restrição/explicação que vimos desenvolver-se com propriedade, embora com as matizações referidas, na atribuição.

De acordo com a função assumida na frase pelo substantivo a que se articula o adjectivo, falamos de *predicação do sujeito* ou de *predicação do objecto*.

5.1. A relação predicativo-nome sujeito reparte, como de observa, substantivo e adjectivo por termos diferentes da frase. Obviamente, não há lugar para a constituição de unidade sintagmática nominal de que o adjectivo seja membro constituinte, ao contrário, pois, do que vimos ocorrer na atribuição. Em vez disso, institui-se uma relação específica entre verbo e adjectivo, pois que constituem um binómio cujos termos reciprocamente se suscitam para a integração da estrutura da frase, que se veria destruída pelo apagamento de qualquer um deles. Diremos, então, que na predicação do sujeito

(pelo menos numa primeira modalidade, de resto básica; ver, mais abaixo, 5.3.) opera uma interdependência sintagmática entre verbo e adjectivo, que particularmente confere a este último o estatuto de elemento essencial para a boa formação da frase. É que o adjectivo aparece agora como o autêntico predicado da frase, a que o verbo empresta, de acordo com a sua carga sémica mais ou menos densa, algum matiz específico.

Esta íntima relação adjectivo-verbo revela-se igualmente pela forte selecção dos verbos que podem realizar a articulação do predicativo ao sujeito. Conhecemo-los bem. São em número restrito e apresentam-se ou relativamente despidos de valor lexemático (é o caso de *ser* e também, de algum modo, de *estar*) ou com um valor lexemático reduzido, funcionando prevalentemente como suporte das marcas específicas do verbo.

Neste esquema, o adjectivo segue habitualmente o verbo, mas pode também abrir a frase, imediatamente seguido ou não do verbo:

- empolgante foi a cavalgada;
- extraordinária essa final não foi.

5.2. A relação significativa adjectivo predicativo-complemento objecto institui-se no seio do mesmo termo da frase — o predicado, realizado no sintagma verbal.

5.2.1. Numa primeira modalidade, o adjectivo, que habitualmente segue o verbo, pode preceder o substantivo. Apesar de surgirem em contiguidade e sobretudo apesar dos acordos que os ligam, substantivo e adjectivo não constituem aqui unidade sintagmática no interior do sintagma verbal que integram. Institui-se antes uma relação apertada entre verbo e adjectivo, de que são índices, por um lado, a selecção forte dos verbos (em número restrito, e todos, naturalmente, transitivos) e as restrições que eles impõem na selecção do predicativo, e, por outro, a afectação da natureza e significação do verbo (isto é, a projecção de homonímia) ou a destruição da estrutura da frase quando o adjectivo é apagado. Comparem-se:

- o juiz considera o réu inocente;
- o juiz considera o réu;
- as sucessivas agruras tornaram o rapaz amargo;
- * as sucessivas agruras tornaram o rapaz.

Diremos, então, que está presente na *predicação do objecto* uma interdependência sintagmática entre verbo e adjectivo similar à que encontrámos na predicação do sujeito atrás considerada.

Observemos, finalmente, que aqui, e ao contrário do que vimos passar-se na predicação do sujeito, o verbo é portador de conteúdo lexemático pleno, que não é diminuído na construção.

5.2.2. Numa segunda modalidade da *predicação do objecto*, o adjectivo não pode preceder o substantivo. Além disso, a selecção dos verbos é extremamente apertada e na lista não entram os que aceitam a modalidade antes caracterizada; finalmente, a eventual delecção do adjectivo não envolve a instituição de homonímia nem destrói a estrutura da frase. Sirvam de exemplo as seguintes frases:

- o rapaz come a sopa quente;
- a moça usa a saia comprida;
- o miúdo bebe o leite frio;
- a jovem tem os cabelos loiros;
- comprei a hortaliça fresca.

Podemos dizer que este esquema, pelas razões expostas, constitui uma variante da predicação do objecto naturalmente complementar da apresentada no número anterior. Facilmente se observa, por outro lado, que as construções com o verbo *ter* dão ocasião a uma zona particular deste subconjunto, sempre que esse verbo surge construído com um substantivo que denota parte do corpo:

- tenho o joelho dorido;
- a moça tem os olhos cansados.

É claro que em qualquer dos casos agora considerados também não tem lugar a constituição de unidade sintagmática por parte do substantivo e do adjectivo — e isto, como se observou, apesar da sua compresença em contiguidade e dos acordos entre ambos projectados. O facto assinalado configura uma particular saliência para a forte intensidade, de resto também acima devidamente referenciada, da conexão que se estabelece na predicação do objecto entre o verbo (transitivo) e o adjectivo.

5.3. Frases como

- a manhã raiou esplendorosa;
- o João partiu furioso;
- o velho marinheiro nasceu rico, viveu triste, morreu pobre;
- o Pedro continua distraído

levam-nos a retomar a relação adjectivo predicativo-sujeito, ou seja, a *predicação do sujeito* (ver 5.1.).

Comungando dos traços essenciais já enunciados para esse tipo de construção, o esquema agora ilustrado dela se distancia por algumas marcas próprias. Por um lado, temos presente uma nova selecção dos verbos: o esquema constrói-se com alguns verbos intransitivos de movimento e com certos outros intransitivos, em número muito reduzido, como *nascer, viver, morrer, raiar, crescer...* Estes verbos não são afectados no seu conteúdo lexemático quando actualizados neste esquema e a relação significativa instituída congrega os traços do verbo e do adjectivo.

Verificamos também que entre verbo e adjectivo não opera a interdependência sintagmática que temos encontrado na predicação: o adjectivo pode ser apagado sem que tal determine a destruição da estrutura da frase ou a criação de homonímia por afectação da natureza ou conteúdo do verbo.

Nesta combinatória, o adjectivo segue o verbo, em contiguidade imediata. Pode, porém, precedê-lo, invertendo-se, então, frequentemente o sujeito:

- esplendorosa raiou a manhã.

Perfazem-se, assim, com o esquema agora introduzido e com o já caracterizado em 5.1., duas modalidades de predicação do sujeito que se distinguem, como ficou apurado, pela natureza dos verbos seleccionados e pela presença ou ausência de interdependência sintagmática entre eles e o adjectivo.

6. O quadro esboçado nos números precedentes não esgota a flexibilidade combinatória nem a riqueza de informações actualizadas pelo adjectivo no enunciado. Escapam-lhe, na verdade, alguns esquemas muito frequentes, e específicos, que teremos que analisar.

Um deles é o que vemos contido em frases do tipo

- irritado, o homem bateu estrondosamente com a porta;
- perturbado, o rapaz emudeceu;
- o advogado, arguto, replicou imediatamente;
- o moço fechou os olhos, cansado.

O primeiro aspecto saliente é, sem dúvida, a mobilidade do adjectivo em todas as frases, a par da sua separação, por zero fónico/vírgula, do elemento contíguo. Não se trata, pois, da atribuição — até porque está presente um nexos específico, a analisar, entre verbo (ou o todo do sintagma verbal, que realiza o predicado da frase) e o adjectivo.

Embora o nome de que o adjectivo toma o número e o género seja sempre o sujeito da frase — e este é um outro traço caracterizador do esquema em consideração — está ausente deste mesmo esquema a selecção do verbo que reconhecemos na predicação do sujeito. Por isso, pela mobilidade, pela separação do elemento contíguo, e porque, por outro lado, não está presente a interdependência sintagmática entre verbo e adjectivo, pois que eles se não postulam necessariamente para a boa formação da frase, como vimos acontecer na predicação do sujeito, a construção em análise demarca-se claramente desta.

Acresce que, aqui, o adjectivo funciona como explicativo. Esta explicação assume, porém, marcas específicas, pois tem incidências na configuração do predicado da frase, consistindo na explicitação de circunstâncias que o determinam e não se reduzindo a pura qualificação de um membro da frase. Por outras palavras, o adjectivo não é neste esquema o que é em todos os anteriormente estudados, a saber, ou elemento integrante do predicado (*predicação do sujeito* ou *do objecto*) ou um adjunto de um constituinte, nominal, da frase (*atribuição*); pelo contrário, o adjectivo surge aqui como *adjunto da frase*.

Este aspecto explicaria por que na relação significativa substantivo-adjectivo que aqui se projecta não joga apenas a compatibilidade semântica dos traços carreados pelos dois lexemas, mas sobretudo a compatibilidade entre o predicado e a explicação introduzida pelo adjectivo. De resto, esta compatibilidade é não apenas semântica, mas sobretudo pragmática — e este é o traço mais fortemente caracte-

rizador do esquema em referência — dizendo respeito às acções, às atitudes, às disposições representadas ou de alguma forma contidas no adjectivo e no verbo. A aceitabilidade do enunciado será, pois, uma função dessa *conveniência pragmática*. Nele, e de acordo com os contextos, o adjectivo actualizará valores de causa, de concessão... Não raro, esses valores são mesmo representados explicitamente por categoremias como *porque, embora, apesar de...* que precedem o adjectivo.

Sublinharemos que esta relação significativa (semântica e pragmática) é presidida pelo adjectivo, dirigindo-se dele para o predicado da frase:

- irritado → o homem bateu com a porta;
- o homem bateu com a porta ← irritado.

Anote-se a não conveniência pragmática (ou, eventualmente, as incidências significativas, como ironia) em

- amável, o homem bateu com a porta.

Esta relação significativa é traço decisivo na caracterização do esquema em análise, demarcando-o inequivocamente da predicação, onde sabemos também intervir um nexos especial entre verbo e adjectivo. Nele o adjectivo institui-se claramente em *um novo predicado*, naturalmente secundário ou circunstancial em relação ao predicado central do enunciado. Como predicado que é, diz-se de um sujeito, que coincide com o sujeito do enunciado global. Por outro lado ainda, este estatuto de predicado secundário ou circunstancial explicará a sua mobilidade e a sua separação por pausa/vírgula do elemento contíguo.

7. O esquema construcional introduzido no número anterior está apto a realizar um outro valor significativo do adjectivo, que estará igualmente numa relação particular com o predicado da frase, idêntica à que acabámos de caracterizar.

Essa relação é também de ordem não apenas ou estritamente semântica, antes prevalentemente pragmática — mas agora o ponto de partida da relação significativa será constituído pelo predicado ou pelo núcleo verbal, e dirige-se deste para o adjectivo. Este

comportará também um valor de predicado secundário, representando particularmente um valor de consequência:

- silencioso, o leão aguardava a sua vítima;
- concentrado, o estudante preparava a sua lição;
- imóvel, o insecto procurava passar despercebido.

Há, evidentemente, entre *silencioso* e *aguardava a sua vítima*, entre *concentrado* e *preparava a sua lição*... uma articulação significativa que encontra equivalente na práfrase seguinte (ou similares):

- o leão aguardava a sua vítima; *por isso*, estava silencioso;
- o estudante preparava a sua lição; *por isso*, estava concentrado.

Importará reter a direcção em que se desenvolve esta relação significativa, que, como já se terá notado, é oposta à direcção encontrada nos exemplos analisados no número anterior:

- silencioso ← o leão aguardava a sua vítima;
- o leão aguardava sua vítima → silencioso.

Convirá ao comportamento sintáctico actualizado pelo adjectivo no esquema que caracterizámos no número precedente e neste mesmo a designação de *aposição*, que será *exclusivamente articulada ao sujeito da frase*, e que constituirá uma via fundamental, perfeitamente demarcada, da instituição da relação substantivo-adjectivo, ao lado da *atribuição* e da *predicação*, nas diferentes modalidades que tivemos a ocasião de apresentar.

8. As relações significativas que acabámos de ver realizarem-se na *aposição* não são comportadas pelo adjectivo construído num esquema aparentemente muito próximo e que vemos actualizado nas frases

- a neve, fria, não parava de cair;
- corpolento, o touro passeou-se pela arena;
- deu-se, então, início a uma crise, profunda, entre os dois partidos.

SINTAXE DO ADJECTIVO

Apesar de o adjectivo aparecer, como nos casos considerados em 6. e em 7., portador de uma grande mobilidade (excepto quando o nome a que se liga surge em função diversa da de sujeito) e de se separar do elemento contíguo por zero fónico/vírgula, este esquema afasta-se do anterior, e também do da predicação participando dos traços centrais da *atribuição* — em particular dos que têm a ver com a ausência de envolvimento de nexos verbal na articulação adjectivo-substantivo.

Convirá ao adjectivo actualizado neste esquema de construção atributiva a designação de *epíteto destacado*. Constituirá, pois, uma variante da atribuição, mais especificamente, uma (segunda) modalidade da *atribuição em justaposição não imediata*, complementar da analisada em 4.2. Destacado, o epíteto vê reforçado o seu valor informativo, o que envolve esta construção na realização de valores expressivos, naturalmente prolongados pelas incidências na organização rítmica da frase.

9. Tendo retomado ao longo deste trabalho as funções sintácticas e as funções semânticas do adjectivo (qualificativo) em português, julgamos ter clarificado alguns aspectos centrais do seu comportamento sintáctico em estreita articulação com os valores significativos ou efeitos de sentido projectados nos diferentes esquemas construcionais.

Pensamos que a actualização do adjectivo como *aposto*, nas duas modalidades que também definimos, revela um estatuto plenamente demarcado, constituindo uma terceira via fundamental da instituição da relação adjectivo-substantivo, a par da *predicação* e da *atribuição*, que caracterizámos nas suas variantes.

Pensamos ainda que o quadro levantado constituirá base decisiva de referência para a perspetivação correcta das matizadas relações significativas actualizadas pelo adjectivo no enunciado.

Porto, Julho de 1977

Joaquim Fonseca